

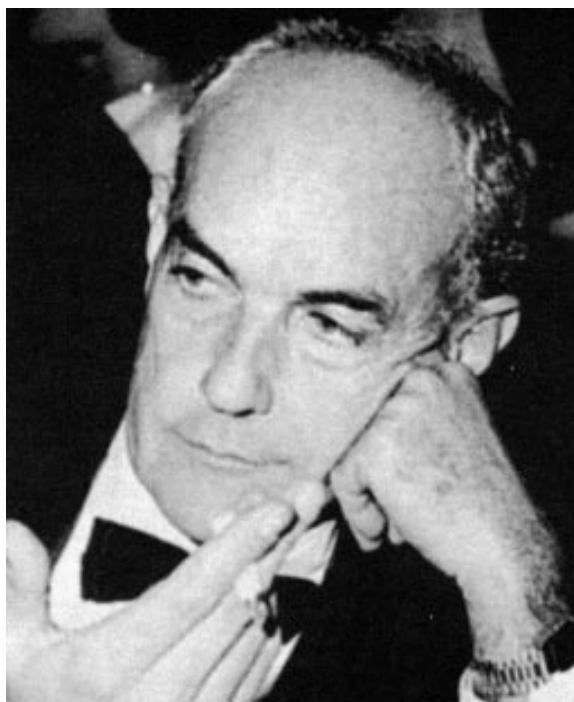
REFLEXOS CUBA-BRASIL, UMA CRÔNICA DE REALISMO MÁGICO

Paulo Henrique Martinez

Das janelas do hotel *Habana Libre*, no bairro do *Vedado*, na capital cubana, se podia avistar as casas que vendiam livros usados expostos junto à calçada. Foi ali, entre a poeira do tempo e a fumaça dos antigos *chevrolet* de antes da revolução, sob um calor ameno, mas escaldante, que encontrei uma pequena brochura com manchas na capa. O nome do autor chamou minha atenção: Tomás Gutiérrez Alea. Percebi tratar-se do cineasta cubano,

falecido dois meses antes, e que nos encantara com *Fresa y chocolate* (*Morango e chocolate*, no Brasil). Imediata, mas discretamente, chamei Ana Lúcia Jackson, que me acompanhava na viagem e, momentos antes, abandonara comigo o salão abafado onde se realizava o congresso acadêmico que nos levara a Havana. Mostrei-lhe o pequenino achado e confabulamos sem muito disfarce. Aleatoriamente, coloquei o volumezinho entre os demais livros que pretendíamos adquirir. Negociar o preço em bloco fora a estratégia adotada para não chamar a atenção do vendedor. Em vão. Preço final: 2 dólares. Paguei e fomos tomar sorvete na *Kopélia*, situada logo adiante.

Minha euforia com o livro do cineasta-poeta só era menor que a de Ana Lúcia pela estada em Cuba. Ela estava radiante, feliz, com ânimo e uma alegria



Tomás G. Alea, 11/12/1928 • 17/4/1996

pela vida como eu nunca tinha visto, desde que a conhecera, cinco anos antes. Era como se o sol, a brisa e a música lhe servissem de alimento. De posse do que considerava uma relíquia, eu folheava o livrinho. Uma série de poemas lírico-metafísicos, com alguns disparos místicos, publicados em 1949. Título: *Reflexos*. Edição do autor, e uma dedicatória: “Para Pino Zito con afecto y simpatía, Tomás Gutiérrez. 15/maio/49”. Um frio correu pelas minhas costas

enquanto meu *helado* se descompunha com o calor que assolava as mesinhas ao ar livre da *Kopélia*.

Voltei à Cuba um ano depois. Foi quando conheci Raúl Rodríguez, um estudioso do cinema cubano e entusiasta dos festivais de cinema de Havana. Conversamos algumas vezes e fomos jantar em um *paladar* sugerido por Raulito. *La guarida* se chamava o restaurante. Um casarão colonial do século XVIII, situado entre as ruas Gervásio e Escobar, em *Centro Habana*. Curiosidade: as dependências do restaurante eram as mesmas que serviram de cenário para *Fresa y chocolate*, o apartamento de *Dieguito*, com a decoração vista no filme. Entre garfadas de *arroz con gris* e *chicharritas*, deliciosos por sinal, perguntei-lhe se conhecia os poemas de Alea. Surpreso, Raulito demonstrou grande interesse em conhecer o poeta em-

butido no cineasta. Prometi-lhe enviar o volume. Resgatado o livro, chegara a vez de sua preservação e divulgação, e Raúl Rodríguez não apenas era a pessoa indicada para isso, como estava disposto a tanto.

De volta ao Brasil, aguardava que algum conhecido viajasse à Cuba. Correndo os olhos pelas páginas de *El cine silente en Cuba*, do amigo Raúl Rodríguez, ofertado no *La guarida*, notei uma coincidência: Raulito era nascido em 1949, data da dedicatória de Alea. Foi então, que no final do ano, surgiu um portador confiável para conduzir *Reflejos* de volta à Cuba. Um primo meu encarregou-se de procurar o destinatário e entregar-lhe o livro de Alea, juntamente com o de Afrânio Catani, sobre a chanchada brasileira, que igualmente despertara o interesse de Raulito. Tentei falar com Raúl, para avisar-lhe da remessa. Nenhum sucesso, as comunicações telefônicas nunca se completaram. Por algum motivo, o portador pediu a uma (des)conhecida que fizesse a entrega do material. Os livros nunca chegaram ao seu destino final.

Este ano, preparando nova viagem à Cuba, tentei restabelecer o contato com Raulito. Fiquei sabendo da morte fulminante, por um câncer que o matou em poucas semanas. Descobri também, com muita imprecisão, que a fase da doença correspondia à da viagem do meu primo. Tentei localizar a pessoa a quem este teria entregue os livros em Havana. Seguidos telefonemas, até descobrir que a pessoa estaria fora, em um curso, durante toda a semana de minha permanência em Cuba. A casa de livros usados, em frente ao *Habana Libre*, também desapareceu, cedendo lugar às reformas dos prédios daquela rua. Era como se um cenário e suas personagens fossem desaparecendo, subitamente, um após o outro.

Passei a última semana imaginando: se o livro de Alea voltou a desaparecer no casario colonial de Havana, ressurgindo no Brasil, através das páginas da *Revista Adusp*, nada impede que Ana Lúcia reapareça na ilha de Cuba, alegre e vigorosa, em harmônica convivência com o sol, a brisa e a música do Caribe. O mesmo sol que no Brasil, repentinamente, encurtou-lhe a vida com um câncer de pele. Hoje, uma semana após a sua morte, estou convencido: quando quiser rever Ana Lúcia Jackson, irei a Cuba.

VERSOS ALEATÓRIOS

Afrânio Mendes Catani

“Yo era un hombre bueno
si hay alguien bueno en este lugar.”

El Fantasma de Canterville
Charly García

Nos últimos dias eu estava todo prosa. Puxava papo com alguns amigos e fazia com que as conversas confluíssem para o cinema latino-americano, até chegar em Tomás Gutiérrez Alea (1928-1996), o mais importante cineasta cubano, diretor de uma dúzia de longas-metragens e de outros seis curtas.

Acrescentava, em seguida:

— Alea é um bom cineasta, fez vários filmes interessantes, mas também gosto muito de seus poemas.

Todos se espantavam, e eu dizia:

— Ele é autor de um belo livro, *Reflejos* etc. e tal. E me punha a falar.

Honestamente, não sei se Gutiérrez Alea publicou poemas antes ou depois de *Reflejos*. Graças a Paulo Martinez podemos, a partir de agora, ter em mãos esse sensível conjunto de versos, reunidos nesse pequeno livro de 63 páginas, editado em Habana (1949) e contando com 3 belas vinhetas — incluindo a da capa — de Cabrera Moreno.

A primeira parte intitula-se “Canción Sola Entre las Aguas” (pp. 11-20) e traz oito poemas, enquanto na segunda (pp. 27-63) encontramos outros cinco, cujos títulos originam-se dos primeiros versos de cada um deles. Assim, temos “Caer en el ámbito de un poema...”, “Me ceñi de anhelos...”, “No sé qué tormenta de alas lejanas...”, “Es la Noche...”, “Aquí...”.

Acredito que *Reflejos* possa ser classificado como uma “obra de juventude”, escrita aos 21 anos. Nesse momento, Tomás Gutiérrez Alea estudava Direito (formou-se em 1951) e, aos poucos, foi se interessando por cinema, tendo realizado, em 1950, *Una Confusión Cotidiana* (curta-metragem, 8 mm), ba-

seado em Kafka. “Titón”, como era conhecido por todos, foi estudar cinema no Centro Sperimentale di Cinematografia, em Roma, de 1951 a 1954, tendo sido aluno de Cesare Zavattini. Declarou à jornalista Maria do Rosário Caetano que seu trabalho final, em Roma, “foi um curta, em 35 milímetros, chamado *Il Sogno di Giovanni Bessain*. Fiz o argumento, colaborei no roteiro e fui assistente de direção”.

De volta a Cuba, em 1955, juntamente com seu amigo Julio García Espinosa, participou do curta *El Mégano*, sobre “a vida dos carvoeiros de Ciénaga de Zapata. Este filme foi muito importante para o novo cinema cubano que se seguiu à Revolução. A partir de 1956, dirigiu pequenas reportagens para cinejornais. Em 58, somei imagens de cinejornais no filme *A Tomada de Havana pelos Ingleses*. Em 59, com García Espinosa, organizei a ‘Seção de Cinema da Direção Cultural do Exército Rebelde’. Foi com esse grupo que dirigiu o primeiro documentário produzido depois do triunfo da Revolução: *Esta Nossa Terra*, sobre a reforma agrária. E isto aconteceu porque eu não tinha dúvidas de que o cinema era o meu caminho, e minha opção de vida”.

O acesso de Fidel ao poder, em 1959, permitiu que Gutiérrez Alea, Alfredo Guevara e García Espinosa criassem o ICAIC (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica), que foi o responsável pela implantação do novo cinema em Cuba.

A carreira de “Titón” prosseguiu com sucesso, tendo realizado os seguintes longas-metragens: *Histórias da Revolução* (1960), *As Doze Cadeiras* (1962), *Cumbite* (1964), *Morte de um Burocrata* (1966), *Memórias do Subdesenvolvimento* (1968), *Uma Peleja Cubana contra os Demônios* (1971), *A Última Ceia* (1976), *Os Sobreviventes* (1978), *Até Certo Ponto* (1983), *Cartas do Parque* (1988), *Morango e Chocolate* (1993) e *Guantanamera* (1995), sendo os dois últimos feitos com seu assistente Juan Carlos Tabío, uma vez que o câncer pulmonar já o consumia.

Gutiérrez Alea foi, além de cineasta, um teórico do cinema, tendo seis de seus ensaios compilados em *Dialética do Espectador* (São Paulo, Summus, 1984 - tradução de Itoby A. Correa Jr.).

O crítico Inácio Araújo escreveu que o cinema de “Titón” apresentou como características “a originalidade, a convivência entre o humor e preocupação social, independência e fidelidade ao regime cubano”.

Gostaria de terminar este pequeno comentário com a citação de alguns pequenos versos de Tomás Gutiérrez Alea, num momento em que vamos comemorar, em 16 de abril próximo, o segundo aniversário de sua morte: “silencio y quietud nebulosa. Casi un vacío cuando se acerca la hora precisa”.



PRÊMIOS E FATOS SIGNIFICATIVOS SOBRE OS FILMES DE ALEA

A Última Ceia (1976)

Melhor Filme do Ano na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (1976)

Morango e Chocolate (1993)

Urso de Prata no Festival Internacional de Cinema de Berlim
Menção Especial no Latin America Cinema Award
Indicado para o Oscar de melhor filme de língua estrangeira
Filme cubano de maior bilheteria no mercado externo

Guantanamera (1995)

Prêmio do Júri de Melhor Filme Estrangeiro no Festival Internacional de Ft. Lauderdale
Menção Honrosa no Sundance Film Festival
Menção Honrosa e Prêmio Especial do Júri no Latin America Cinema Award
Indicado para o Leão de Ouro no Festival de Cinema de Veneza